

## CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE CRIANÇAS DE CLASSE BAIXA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Simone Mendonça Soares\*

**Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.**

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo examinar os contextos linguísticos e sociais em que se dá a marcação da concordância variável de terceira pessoa do plural. A amostra é constituída por dados de fala de nove crianças de cinco anos de idade, pertencentes a uma comunidade carente de Porto Alegre. Dados foram gerados especificamente para análise quantitativa de concordância variável. A análise é alicerçada metodologicamente na perspectiva laboviana de Sociolinguística Quantitativa, tendo por parâmetros interpretativos resultados de estudos anteriores sobre dados de crianças de classe média (SOARES, 2006). De modo geral, os resultados obtidos apontaram que o comportamento linguístico das crianças sob estudo não diverge significativamente do comportamento linguístico das crianças das pesquisas anteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** aquisição da linguagem – variação linguística – concordância verbal

**ABSTRACT:** This study aims to analyze social and linguistic contexts, in which variable agreement of third person plural is marked. The sample is constituted by data from the speech of nine five-year-old children from a low income community in Porto Alegre. The data were specifically generated for variable agreement quantitative analysis. The analysis is methodologically based on Labov's perspective of Quantitative Sociolinguistic, regarding as interpretative parameters results of previous studies on middle class children (SOARES, 2006). By and large, the results obtained showed that the linguistic behavior of the children under observation do not diverge significantly in relation to the linguistic behavior of children observed in previous studies.

**KEYWORDS:** language acquisition – language variation – verbal agreement

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, que apresenta resultados parciais de minha pesquisa de doutorado, investigo o sistema variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural na produção oral de nove crianças, quatro meninos e cinco meninas, todos com cinco anos de idade, moradores de uma comunidade carente da Zona Leste de Porto Alegre. O objetivo é examinar os contextos linguísticos e sociais que conduzem as escolhas relativas a este ambiente linguístico.

Segundo a gramática normativa, a desinência número-pessoal (DNP) que constitui a concordância verbal é uma regra categórica. Entretanto, na pesquisa linguística brasileira, muitos são os estudos que demonstram o uso variável de tal

---

\*Doutoranda em Linguística Aplicada na UFRGS. E-mail: sim.ssoares@gmail.com

sistema por falantes do português do Brasil. A marcação de desinência de terceira pessoa do plural na fala das crianças observadas é uma regra variável. Nas referências a sujeitos de terceira pessoa do plural, há a opção pela manutenção da marca (como em *eles ficaram brincando no sonho*) ou sua não aplicação (como em *sabia que esses bichinho morde?*).

## A COMUNIDADE

A comunidade onde se deu a geração de dados é uma vila<sup>1</sup> de ocupação irregular localizada num bairro não oficial na Zona Leste de Porto Alegre. A área que hoje abriga a comunidade, de aproximadamente 6000 pessoas, teve seu processo de ocupação ocorrido em três momentos distintos: a primeira em 1992, a segunda em 1994 e a última em 1995. As histórias sobre as ocupações e o desenvolvimento da vila, contadas pelas mulheres que foram as principais responsáveis pelas ações, são relatos de uma luta difícil, diária, de construção de casebres e ruelas em busca de uma vida melhor.

A vila, que em 1997 foi inscrita no Orçamento Participativo<sup>2</sup>, conta hoje com uma Associação Comunitária, instituição bastante atuante na busca por melhorias para a comunidade; com uma creche, conveniada com a prefeitura, e com um Posto de Saúde

Quando se anda na vila, chama atenção a “heterogeneidade de condições socioeconômicas” (SILVA, 2011). Há casas de alvenaria, sobretudo ao longo da avenida principal, única asfaltada e que corta a vila no sentido norte/sul, e casebres sem condições mínimas de infra-estrutura básica, principalmente no extremo norte, na área próxima a um valão<sup>3</sup>. Embora essa divisão não seja categórica, ela se relaciona aos diferentes momentos de ocupação da vila, sendo que a mais recente, localizada na parte norte, é considerada “área de risco” pela CUTHAB<sup>4</sup> (cf. SILVA, 2011).

Tal heterogeneidade, perceptível a uma pessoa de fora da comunidade que percorre a vila, pode ser percebida também na fala de Lia (que é a atual presidente da Associação Comunitária) quando, em momentos diferentes de uma entrevista, se refere ao descarte do lixo pelas famílias. Ao que parece, o modo de descarte está relacionado à marca de estratificação social. No primeiro segmento abaixo, eu havia perguntado sobre as famílias que vivem de reciclagem; no segundo, ela me falava sobre a organização de um “bota-fora”, a vinda de um caminhão da empresa de limpeza urbana para que as pessoas jogassem fora o lixo acumulado:

Nós temos algumas famílias nos acessos, no acesso P4 e P5, B1 e B2. No fim, tudo perto do valão é reciclador. (...) Os resíduos que sobram, eles tiram o filé e jogam o resto no valão, e esse é o porquê das enchentes. (Entrevista realizada em 05/12/2010.)

Eu não sei se tu viu o lixo aqui do lado? [se referindo ao terreno ao lado da creche]. É por que já teve um botafora e agora é o próximo botafora. Eu tô

<sup>1</sup> O termo é usado pela própria comunidade e significa comunidade carente.

<sup>2</sup> Mecanismo governamental através do qual os cidadãos participam de decisões acerca de gastos públicos.

<sup>3</sup> Termo usado pela comunidade para designar o esgoto a céu aberto.

<sup>4</sup> Comissão de urbanização, transporte e habitação.

ligando pro DMLU pra confirmar, porque eu pedi que todo o pessoal daqui que se dizem, que se dizem a burguesia do Coqueiro [risos], mas que botam o lixo no seu pátio e fica lá e se esquecem da vida. Aí eu faço um dia de bota-fora com eles. (Entrevista realizada em 05/12/2010.)

Nesse contexto, é importante examinar em que medida se estabelece a disparidade das condições socioeconômicas, ou seja, qual é o espectro da heterogeneidade de que se fala. Para tanto, uma lista das ocupações dos pais, extraída das fichas de inscrição das crianças da creche, pode fornecer um quadro importante. As ocupações são: reciclador(a)<sup>5</sup>, doméstica, motorista, vendedor de CD, mecânico, auxiliar de cozinha, faxineira, servente, “trabalha na carroça”, auxiliar de limpeza, *motoboy*, gesseiro, padeiro, serralheiro, serviços gerais, atendente de creche, segurança, pedreiro, além de várias mães que preencheram “do lar”, e vários pais e mães desempregados.

É possível perceber que na comunidade há uma certa estratificação social na medida em que ocupações reconhecidas socialmente como profissões definidas se opõem a outras que são formas de obtenção de renda mas não valorizadas como profissão.

## REVISÃO TEÓRICA

A pesquisa que desenvolvo no doutorado dá sequência a pesquisas anteriores sobre o sistema de concordância na fala infantil, sobretudo minha pesquisa de mestrado (SOARES, 2006).

Naquele estudo, que investigava o sistema de concordância verbal na fala de nove crianças, quatro meninos e cinco meninas, entre dois anos e cinco meses e oito anos de idade, todos da classe média de Porto Alegre, produzi um quadro descritivo do uso variável de concordância de primeira e terceira pessoas do plural, comparando a fala das crianças a resultados de pesquisas sobre a fala adulta.

Os resultados, obtidos por metodologia laboviana de análise estatística, mostraram, na rodada que examinava a manutenção ou não da desinência de terceira pessoa do plural, que, do total de 529 ocorrências, 461 (87%) mantiveram a marca de concordância enquanto que 68 (13%) foram de desinência zero.

Interessantemente, o alto índice de aplicação da marca na fala das crianças se aproximou do comportamento linguístico descrito sobre dados de adultos escolarizados (grau superior) e classe social alta da mesma comunidade que a das crianças (Porto Alegre). Batista & Zilles (2005) encontraram, para uma amostra de adultos de Porto Alegre com alto grau de escolarização, 95% de manutenção de desinência. Por outro lado, Rodrigues (1992) sobre falantes adultos de classe baixa relata um índice de aplicação de 29% apenas. A análise foi de que o ambiente de letramento no qual a criança vive deve influenciar a produção variável de desinência de terceira pessoa do plural. E para um exame consistente da atuação do letramento familiar e da classe social na fala das crianças seria preciso que tais variáveis fossem controladas já na geração dos

<sup>5</sup> Na comunidade, o termo *catador* é pejorativo, sendo usado *reciclador* para designar as pessoas que vivem de vender material reciclável.

dados, o que está sendo feito, na medida do possível, em minha pesquisa atual de doutorado.

Dentre as variáveis testadas em Soares (2006), sete foram selecionadas como estatisticamente relevantes: posição do sujeito em relação ao verbo, tonicidade, saliência fônica, tipo de verbo, tipo de sujeito, gênero e faixa etária. Por questões de espaço, relatarei somente os resultados importantes para a discussão empreendida aqui.

A atuação da variável posição do sujeito em relação ao verbo mostrou que a presença ou não de material interveniente entre o sujeito e o verbo não é relevante na fala das crianças da amostra. Assim, a análise se concentrou em sujeito anterior ou posterior ao verbo. Os resultados mostraram tendência de aplicação da marca em situações de sujeitos antepostos (0,63 de peso relativo) e forte tendência a evitar a marca em ambientes de sujeito posposto ao verbo (0,07 de peso relativo), revelando o comportamento linguístico das crianças comparável ao dos adultos (LEMLE & NARO, 1977; BARDEN, 2004; BATISTA & ZILLES, 2005) referentemente a essa variável.

O estudo de Lemle e Naro (1977) investigou a concordância variável de terceira pessoa do plural em dados de informantes analfabetos que participavam do projeto MOBREAL. A amostra de 20 informantes (9 mulheres e 11 homens), com idades entre 17 e 50 anos, naturais do Rio de Janeiro ou adjacências (Grande Rio) foi produzida para o projeto Competências Básicas de Português. O objetivo da pesquisa era discutir a atuação da variável morfológica saliência fônica, que testava a quantidade de material fônico presente na distinção entre a forma de terceira pessoa do singular e a de terceira pessoa do plural. A hipótese era de que quanto mais material fônico houvesse na distinção, mais saliente esse dado linguístico seria, conduzindo a uma maior aplicação da marca de concordância.

A variável foi composta por fatores estabelecidos numa escala da menor para a maior saliência, iniciando com as formas verbais cujo plural é produzido pelo acréscimo da nasalização (*come/comem; fala/falam*). Nesses casos, haveria desfavorecimento da presença da DNP. Nas desinências com maior distinção, com o plural apresentando mudança na posição do acento (*foi/foram; teve/tiveram*), ou nas formas verbais em que o plural é completamente distinto do singular (*é/são*), haveria favorecimento da manutenção da desinência.

Os resultados da pesquisa ratificaram a hipótese: para a distinção *come/comem*, 13,6% – 0,06; para *fala/falam*, 29,6% – 0,17; para *teve/tiveram*, 72,5% – 0,69; para *é/são*, 82,4% – 0,81 (em percentuais e pesos relativos, respectivamente).

O estudo de Rodrigues (1992) examinou a concordância de primeira e terceira pessoas do plural na fala de quarenta informantes analfabetos ou semi-escolarizados, sem qualificação profissional, moradores de uma comunidade carente da periferia de São Paulo, constituída por pessoas de baixa renda, em sua maioria migrantes das zonas rurais. Os resultados gerais mostram aplicação da marca de concordância em 59% dos casos de desinência de primeira pessoa do plural e 29% nos de terceira pessoa do plural.

O grupo de fatores examinado e que é de interesse aqui é a presença/ausência de sujeito pronominal. A hipótese testada era de que a elipse do sujeito formal favoreceria a manutenção das marcas de concordância, compensando uma possível perda de informação de pessoa e número a respeito do sujeito, ao passo que as formas verbais não marcadas seriam favorecidas pelo sujeito pronominal explícito. Os fatores

considerados para o teste dessa hipótese foram: sujeito não-pronominal, explícito e não explícito. Em relação à desinência de terceira pessoa do plural, a diferença entre o sujeito elíptico e os sujeitos explícitos mostrou o primeiro como maior favorecedor de manutenção da marca: 52% e 0,62 (elíptico); 28% e 0,55; (pronominal); 18% e 0,33 (não-pronominal), respectivamente em termos de frequência e probabilidade.

Barden (2004) investigou a concordância variável de terceira pessoa do plural numa amostra extraída do projeto VARSUL, composta por informantes de Porto Alegre, estratificados por nível de instrução (de 1 a 4 anos de escolaridade, de 5 a 8 anos, e de 9 a 11 anos), sexo (masculino e feminino) e idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos). O envelope de variação considerava ainda saliência fônica, paralelismo formal, tipo de sujeito explícito (opondo pronomes a nomes quantificados) e posição do sujeito (imediatamente anteposto ao verbo, anteposto com material interveniente de 1 a 3 sílabas, anteposto com mais de 3 sílabas entre sujeito e verbo, e posposto ao verbo).

O índice de aplicação da regra é consistente, totalizando 79% (1039/1321) das ocorrências. Na rodada relativa à aplicação total, o programa selecionou como estatisticamente significativos os seguintes fatores: saliência fônica, escolaridade, paralelismo formal, e posição do sujeito. Os resultados (em número de ocorrências e peso relativo) referentes à aplicação da regra de concordância em função da posição do sujeito são os seguintes: imediatamente anteposto: 414/502 (82%) e 0,63; anteposto com 1 a 3 sílabas: 202/251 (80%) e 0,60; anteposto distante (mais de 3 sílabas): 200/267 (75%) e 0,39; e sujeito posposto: 40/116 (34%) e 0,11.

Os resultados referentes ao tipo de sujeito explícito mostraram que sujeitos pronominais tendem a uma maior aplicação da desinência (0,57 de peso relativo) do que sujeitos com nomes quantificados (0,44 de probabilidade), ou seja, que o primeiro tipo de sujeito conduz à manutenção da marca enquanto o segundo conduz à não marcação.

A partir da revisão de literatura sobre dados de adultos e de crianças, as hipóteses a serem testadas são as seguintes:

- a) na variável posição do sujeito, o sujeito anteposto ao verbo favorece a manutenção da DNP, ao passo que a posposição a desfavorece;
- b) a variável saliência fônica atua no sentido de favorecer a retenção da marca nas formas verbais em que a distinção fônica entre a forma alvo e a forma não marcada é maior;
- c) na variável tipo de sujeito, o sujeito elíptico atua na manutenção da desinência, enquanto que sujeito SN pleno mostra-se favorecedor da ausência da marca.

## **METODOLOGIA**

A geração de dados da pesquisa, cuja amostra total conta com 30 crianças, estratificadas por faixa etária (3, 4 e 5 anos de idade) e gênero (15 meninos e 15 meninas), ocorreu nas dependências da creche, com as crianças que a frequentam, durante um período aproximado de vinte e oito meses.

As situações de geração dos dados foram de interação entre um adulto (a pesquisadora ou as bolsistas<sup>6</sup>) e uma única criança de cada vez. As interações foram gravadas em áudio e vídeo, feitas nas dependências da instituição escolar, em sala disponibilizada pela coordenação.

Foram previstos cinco a sete encontros com cada criança, e cada encontro girava em torno de uma atividade diferente. As atividades foram planejadas especificamente para a montagem de um banco de dados com vistas a estudos quantitativos do sistema de concordância variável, nominal de número e verbal, com quantidade de dados suficiente para que se chegasse a resultados estatísticos seguros. Assim, as atividades foram pensadas de modo que as crianças produzissem sintagmas nominais plurais e concordância verbal variável, com brincadeiras produtivas nas três faixas etárias estudadas (3, 4 e 5 anos). Além disso, as atividades foram planejadas para possibilitar a investigação de dois gêneros estilísticos na fala das crianças: conversas espontâneas e narrativas<sup>7</sup>.

As atividades foram nomeadas do seguinte modo: interação inicial, fazenda, zoológico, loja, reconto, narrativa letrada e relato pessoal. O número de encontros variou porque existia a possibilidade de as duas últimas (a narrativa letrada e o relato pessoal) serem produzidas na mesma interação que alguma(s) da(s) outras cinco (o que aconteceu na maioria das vezes). As interações tinham duração entre 15 e 30 minutos cada, dependendo do tipo da brincadeira e da faixa etária da criança.

Para a seleção dos participantes, os critérios considerados foram: gênero (o mesmo número de meninos e de meninas); ser morador da comunidade; estar dentro da faixa etária durante todas as interações com todas as atividades. Para a análise dos dados, a codificação dos mesmos foi feita por formulário (cf. AMARAL & BORGES, 2009). Posteriormente, os dados foram rodados no pacote VARBRUL de análise estatística.

A variável dependente conta com dois fatores: aplicação da DNP e não aplicação da DNP.

As variáveis linguísticas que compuseram o envelope de variação foram as seguintes: saliência fônica, tempo verbal, tonicidade da forma alvo, tipo de sujeito, tipo de verbo, posição do sujeito em relação ao verbo, contexto seguinte, paralelismo formal, discurso reportado, animacidade do sujeito, focalização e tema da interação. As variáveis sociais foram: pesquisador, participante e gênero do participante.

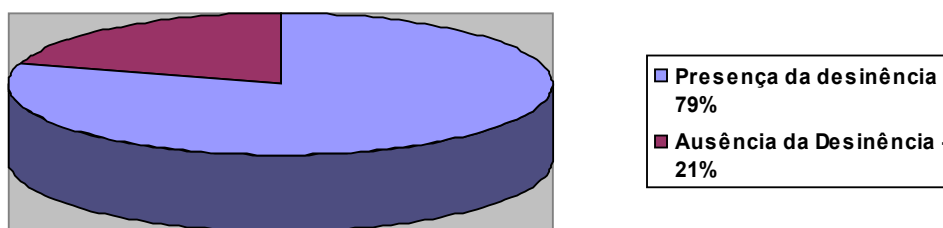
## RESULTADOS

A análise estatística considerou a presença da desinência de terceira pessoa do plural. Os dados gerais são de 478/599 (79%) de presença da marca e 121/599 (21%) de ausência, como representado no Gráfico 1:

<sup>6</sup> A geração de dados contou com o trabalho de quatro bolsistas de Iniciação Científica, participantes do projeto PET Letras, projeto esse orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciene Simões.

<sup>7</sup> Para uma descrição pormenorizada das atividades ver Soares (2011).

Gráfico 1 – Distribuição da presença e ausência da desinência por porcentagem



A comparação com os resultados obtidos em Soares (2006) mostra índices muito próximos. Naquele estudo, relativamente a crianças de classe média, que estudavam em pré-escola particular, filhas de pais com curso superior, o percentual de marcação da desinência era de 87% (461/529). Sobre essa questão, a análise é a seguinte:

[o] alto índice de aplicação da desinência na fala das crianças aqui observadas corresponde ao comportamento linguístico observado em dados de adultos com maior escolarização e classe social mais alta. Os resultados apresentados no estudo de Rodrigues (1992) sobre falantes de classe baixa, menos escolarizados, apresentam índices de aplicação de 29%, ao passo que os falantes mais escolarizados (da comunidade de Porto Alegre, tal como as crianças em análise), representados na pesquisa de Batista & Zilles (2005), aplicam a desinência em 95% das ocorrências. Assim, provavelmente o ambiente de letramento em que vivem as crianças da amostra influencia o percentual de aplicação da marca de DNP-P6 em sua fala. (SOARES, 2006, p.139)

Tratando-se, nas duas amostras, de dois contextos socioeconômicos tão distintos, pode-se pensar que a marca de desinência de terceira pessoa do plural pode não funcionar como índice de estratificação social. Ou ainda, que os contextos de letramento que a creche comunitária oferece às crianças são suficientes para que elas se apropriem do uso variável de concordância de terceira pessoa do plural. Segundo o que nos foi relatado pela coordenadora da creche quando planejávamos a melhor abordagem para que os pais assinassem os termos de consentimento, grande parte dos adultos da comunidade é analfabeta. Por outro lado, a experiência da instituição escolar, por mais precária que seja, encaminha experiências letradas. Talvez a exigência da SMED<sup>8</sup> de que os educadores das instituições infantis tenham ensino médio completo além do curso de formação oferecido pela própria SMED acabe por produzir um certo efeito manifesto na fala das crianças, evidenciado no domínio das formas variáveis de terceira pessoa exigidas pelo meio escolar.

Em relação aos resultados reportados por Rodrigues (1992) – o índice de 29% de aplicação é baixo –, vale lembrar que foram produzidos sobre uma amostra composta por adultos analfabetos ou semi-escolarizados de comunidades de favelados da periferia de São Paulo. Talvez sua produção possa ser comparável à dos adultos da comunidade

<sup>8</sup> Secretaria Municipal de Educação.

estudada aqui, mas a experiência letrada das crianças sob estudo parece ser mais consistente<sup>9</sup> do que a dos adultos.

Na análise estatística, dez grupos de fatores foram selecionados pelo programa como relevantes, oito linguísticos: saliência fônica, tempo verbal, tonicidade, tipo de sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo formal, focalização e tema da interação, e dois sociais: pesquisador e participante.

Antes de apresentar os resultados, devo esclarecer que a variável paralelismo formal não será tratada aqui. A produção de ocorrências de dados em sequência<sup>10</sup> pelas crianças foi bem baixa. A maior parte dos dados (434/590, 73%) foi produzida em construção isolada, ou seja, que não diz nada sobre a variável. Das ocorrências produzidas nas séries, 72/590 (12%) são de primeiro verbo da série, o que também não possibilita exame da atuação da variável. Assim, sobre esse grupo de fatores não é possível fazer nenhuma análise consistente.

## RESULTADOS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

A primeira variável a ser discutida é saliência fônica. O nível 6 da variável foi excluído da rodada por falta de dados de desinência não marcada. A Tabela 1 apresenta os resultados.

Os índices mostrados na tabela revelam que, de forma geral, a hierarquia de saliência fônica atuou de forma esperada, a não ser pelo nível 8.

---

<sup>9</sup> Para a finalização da tese, retomarei esta análise após a conclusão da dissertação de mestrado de Bibiana Cardoso da Silva, que discute justamente a experiência letrada de oito das crianças que compuseram a amostra focalizada aqui.

<sup>10</sup> A variável quer verificar a possível tendência de repetição de formas ou marcas usadas anteriormente pelo falante numa sequência discursiva. Daí a necessidade de dados em sequência.



Tabela 1 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável saliência fônica

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
4 – dá/dão, está/estão, falará/falarão	122	132	92	<b>0,98</b>
7 – caso único: é/são	48	87	55	<b>0,87</b>
5 – sumiu/sumiram, comeu/comeram, falou/falaram	144	155	92	<b>0,76</b>
8 – caso único: foi/foram	41	46	89	<b>0,03</b>
2 – fala/falam, ia/iam.	94	121	77	<b>0,03</b>
3 – faz/fazem, quer/querem.	2	7	28	<b>0,02</b>
1 – come/comem, fale/falem	25	49	51	<b>0,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>476</b>	<b>597</b>	<b>79</b>	

Lemle & Naro (1977) e Naro (1981) apontam o fato de haver dois graus de atuação da saliência fônica em relação ao acento da forma verbal. No primeiro, o acento do verbo é na raiz; no outro, é na desinência. Assim, nos três primeiros níveis tem-se o contraste entre singular e plural somente na desinência, não coincidindo com o acento. Pela tabela vê-se que na produção das crianças, os níveis de menor saliência na escala, 1, 2 e 3, conduzem fortemente à não aplicação da marca, juntamente com o nível 8, esse sim contrariando o esperado.

Segundo os autores, o quarto nível é o primeiro cujo contraste está na sobreposição da desinência com o acento. Nos resultados obtidos por Lemle & Naro (1977), tem-se que o quarto nível é o primeiro a apresentar favorecimento da aplicação de concordância em relação aos outros três primeiros. Monguilhott & Coelho (2002) examinaram a fala de informantes cultos de Florianópolis e, em relação à saliência fônica, encontraram o maior peso relativo de ocorrências com marca no nível quatro, tal como nos dados das crianças de Soares (2006) e nas aqui consideradas.

Segundo a hipótese, a partir do quarto nível é esperado que haja marcação da desinência, tal como vemos nos pesos relativos dos níveis 4, 7 e 5. Assim, mesmo que não haja aumento progressivo na marcação da desinência dos níveis de 1 a 8, a produção das crianças responde aos dois graus de distinção da forma marcada para a não marcada conforme a proposta da variável.

Relativamente à variável tempo verbal, a comparação com dados de adultos é difícil, porque na produção das crianças as formas encontradas se resumem às do indicativo (e algumas poucas do infinitivo flexionado, que deve sair das rodadas feitas posteriormente por seu caráter opcional no Português Brasileiro). Como pode ser visto na Tabela 2, o pretérito perfeito é a forma que mais favorece a aplicação da marca, seguido pelo presente. As outras formas verbais desfavorecem a manutenção da desinência.

É possível pensar que essa variável (ao menos em parte, já que a diferença entre o número de ocorrências é grande) esteja atuando de forma cruzada com focalização, com as formas de imperfeito coincidindo com os contextos de *background*. É preciso realizar cruzamentos para esclarecer estes resultados.

Tabela 2 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável tempo verbal

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
pretérito perfeito do indicativo (M)	179	189	94	0,63
presente do indicativo (P)	213	298	71	0,55
pretérito imperfeito do indicativo (I)	42	56	75	0,30
futuro do presente do indicativo (F)	41	46	89	0,16
infinitivo (R)	1	8	12	0,00
<b>TOTAL</b>	<b>476</b>	<b>597</b>	<b>79</b>	

A distribuição dos resultados em relação à tonicidade aponta as paroxítonas como favorecedoras da manutenção da marca e os monossílabos tônicos e as oxítonas (que foram amalgamados) como fortemente desfavorecedores. O resultado pode ser visto na Tabela 3, abaixo.

Tabela 3 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável tonicidade

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
paroxítona (P)	313	364	85	0,90
monossílabo tônico + oxítona (M)	165	235	70	0,02
<b>TOTAL</b>	<b>478</b>	<b>599</b>	<b>79</b>	

Os resultados se aproximam muito daqueles encontrados em Soares (2006) para a mesma variável, com as paroxítonas favorecendo a desinência (401/433 – 0,77) e os monossílabos tônicos (58/80 – 0,01) e oxítonas (2/16 – 0,00) a desfavorecendo.

A variável tipo de sujeito queria verificar se a forma como o sujeito é expresso ou o fato de ser elíptico influenciaria a escolha da desinência. A hipótese de que o sujeito nulo tende a favorecer a marca foi corroborada. Os resultados podem ser vistos na Tabela 4:

Tabela 4 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável tipo de sujeito

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
pronome nulo (n)	143	152	94	<b>0,79</b>
pronome reto (r)	214	247	86	<b>0,59</b>
pronome demonstrativo (d)	25	28	89	<b>0,39</b>
SN pleno (p)	72	143	50	<b>0,14</b>
pronome relativo (q)	3	8	37	<b>0,03</b>
<b>TOTAL</b>	<b>457</b>	<b>578</b>	<b>79</b>	

Segundo os índices, além da elipse, a presença do pronome reto também favorece a manutenção da marca, enquanto que os outros fatores a desfavorecem. Nessa variável foi criado um fator durante a codificação (sujeito não esperado para o contexto), que por sua natureza categórica (sujeito no singular e verbo no plural) precisou ser retirado da análise. O número de ocorrências dessa forma foi de 21, o que surpreendeu, já que não havia surgido nada similar nos dados dos projetos anteriores.

Os resultados da variável posição do sujeito em relação ao verbo são mostrados a seguir, na Tabela 5.

Tabela 5 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável posição do sujeito

	Ocorrências	Total	%	Peso Relativo
anterior adjacente (a)	297	356	83	<b>0,65</b>
anterior com material interveniente (d)	33	43	76	<b>0,24</b>
posterior adjacente (p)	6	47	12	<b>0,03</b>
posterior com material interveniente (l)	1	4	25	<b>0,01</b>
<b>TOTAL</b>	<b>315</b>	<b>368</b>	<b>85</b>	

Pelos índices, o sujeito anterior e sem material interveniente atua no sentido da manutenção da marca de desinência, ao passo que os outros (anterior com material interveniente e os posteriores) atuam na elipse da desinência. A hipótese para essa variável era de que os sujeitos posicionados anteriormente ao verbo, com ou sem material interveniente conduziram à marca, e os posteriores, à não marca. Isso aconteceu em Soares (2006), em que foi possível amalgamar os anteriores e os posteriores que mostraram assim, resultados polarizados.

Outros estudos também revelaram resultados similares aos de Soares (2006). O de Lemle & Naro (1977) atesta percentuais e pesos relativos de 49% – 0,70 de presença da desinência em sujeitos prepostos e 23,1% – 0,22 de desfavorecimento da desinência em sujeitos pospostos. Barden (2004) encontra índices ainda mais polarizados: 82% – 0,63 para sujeitos antepostos e 34% 0,11 para sujeitos pospostos em

relação à aplicação. Batista & Zilles (2005) descrevem os percentuais e pesos em relação à ausência da desinência: 3% – 0,43 para anteposto e 23% – 0,89 para posposto.

Os resultados relatados aqui mostram que o comportamento linguístico das crianças no tocante à posição do sujeito em relação ao verbo não é plenamente comparável ao das crianças e dos adultos dos outros estudos, pela tendência a não marcarem a desinência em sujeitos antepostos mas com material interveniente.

A variável focalização queria averiguar a influência da disposição dos eventos na narrativa. Como a maior parte das ocorrências não se encontrava em contexto narrativo, o número de dados foi baixo e desigual entre os dois fatores. Os resultados são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável focalização

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
<i>foreground</i> (f)	199	/	214	92	<b>0,63</b>
<i>background</i> (b)	36	/	55	65	<b>0,10</b>
<b>TOTAL</b>	<b>235</b>	<b>/</b>	<b>269</b>	<b>87</b>	

Segundo Amaral (2003), essa variável mede “em que momentos da narrativa o monitoramento é mais intenso”, com o *foreground* correspondendo aos momentos planejados da narrativa, e o *background* aos momentos de “entrepareses”. Assim sendo, a hipótese de que as construções de *foreground* funcionariam como favorecedoras da manutenção da marca de concordância e as construções de *background* como desfavorecedoras foi corroborada.

A variável tema da interação foi montada de modo a poder mostrar diferenças estilísticas na produção das crianças relativamente a discursos mais ou menos letrados. Assim, na conversa livre que acontecia durante as brincadeiras, a expectativa era de que a fala da criança retratasse sua fala cotidiana. Quanto aos relatos pessoais, eram narrativas não letradas, ou seja, narrativas produzidas pela criança sem que ela invocasse algum discurso prévio, ouvido na TV ou de adultos. Já na narrativa letrada, esperava-se que a criança recorresse a histórias contadas a ela anteriormente e/ou associadas a veículos portadores de letramento, como TV ou livros. O modo como foram distribuídos os fatores no grupo queria verificar esta distinção relativamente a cada brincadeira diferente.

Por outro lado, a metodologia de geração de dados foi planejada para que proporcionasse análise de concordância verbal variável de terceira pessoa e também de primeira, além de concordância nominal variável de número. Desse modo, algumas interações provocavam, sobretudo, formas de terceira pessoa do plural (como o reconto e o zoológico), algumas provocavam mais formas de primeira pessoa do plural (como a fazenda) e uma delas (a loja) era destinada à produção de itens plurais, com um contexto pouco propício para produção de concordância verbal. E sempre que possível, nas diferentes interações era solicitado relato e/ou narrativa.

Com essa metodologia, dois pontos precisam ser focalizados. Primeiro é que a produção de ocorrências de terceira pessoa do plural varia bastante de um tema da interação para outro. Segundo, que a variável deve ser analisada segundo a distinção de discursos. O Quadro 2 ajuda a visualização:

Quadro 2 – Organização dos fatores no grupo tema da interação

<b>Tema da Interação</b>	<b>Relato Pessoal na respectiva interação</b>	<b>Narrativa Letrada na respectiva interação</b>
Interação Inicial	Relato na Interação Inicial	Narrativa na Interação Inicial
Zoo	Relato no Zoo	Narrativa no Zoo
Fazenda	Relato na Fazenda	Narrativa na Fazenda
Reconto	Relato no Reconto	Narrativa no Reconto
Loja	Relato na Loja	Narrativa na Loja

Essa organização foi planejada para proporcionar a comparação com dados dos estudos anteriores. A Tabela 7 abaixo apresenta os resultados da variável.

Tabela 7 – Relação entre a aplicação da desinênciã e a variável tema da interação

	<b>Ocorrências</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
relato pessoal no zoo (Z)	6	7	85	<b>0,87</b>
zoo (X)	164	202	81	<b>0,63</b>
reconto (Q)	205	230	89	<b>0,51</b>
narrativa letrada na interação inicial (M)	24	26	92	<b>0,43</b>
loja (K)	16	27	59	<b>0,40</b>
fazenda (W)	46	70	65	<b>0,39</b>
interação inicial (Y)	9	19	47	<b>0,31</b>
relato pessoal na interação inicial (I)	3	5	60	<b>0,10</b>
relato pessoal no reconto (R)	2	8	25	<b>0,00</b>
narrativa letrada no zoo (N)	1	2	50	<b>0,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>476</b>	<b>597</b>	<b>79</b>	

Sobre os índices apresentados na tabela, chamo atenção, inicialmente, para a distribuição das ocorrências relativamente aos fatores. Os dados de relato pessoal e narrativa letrada são baixos em comparação com os de conversa livre. Por um lado, tais índices reiteram que sem algum tipo de provocação dirigida especificamente para a produção de plural, a produção da criança nessa faixa etária é pobre em formas plurais. Por outro, que a hipótese de as narrativas conduzirem à presença da marca não é

corroborada. No entanto, talvez seja mais adequado assinalar a impossibilidade de verificação da hipótese pelo pequeno número de dados de narrativas letradas.

Segundo a tabela, o relato pessoal no zoo, o zoo e o reconto favorecem a presença da desinência, lembrando que zoo e reconto são as duas interações que promovem maior índice de produção de terceira pessoa do plural. O peso relativo do reconto (0,51), bastante próximo do ponto neutro, é interessante, porque uma discussão que surgiu no grupo, ao longo do trabalho de campo, foi sobre ou o reconto ser considerado pelas crianças como um evento de letramento, pelo manuseio do livro, ou o livro ser um brinquedo sendo manuseado, como os outros. Duas das crianças, ao final da sessão de reconto, perguntaram se não teria brinquedo naquele dia. Como o que a variável quer medir diz respeito a eventos de letramento, talvez o peso relativo próximo ao ponto neutro no reconto indique que as crianças se dividem quanto ao valor simbólico +/- letrado da atividade.

## RESULTADOS DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Duas variáveis sociais foram selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes: participante e pesquisador.

A primeira variável social a ser abordada é participante. Os resultados podem ser vistos na Tabela 8 abaixo.

Tabela 8. Relação entre a aplicação da desinência e a variável participante

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Kelly (E)	63	/	72	87	<b>0,81</b>
Evandro (H)	91	/	114	79	<b>0,80</b>
Márcio (I)	81	/	87	93	<b>0,70</b>
Andressa (A)	64	/	71	90	<b>0,68</b>
Betina (B)	62	/	82	75	<b>0,43</b>
Breno (G)	29	/	39	74	<b>0,12</b>
Jasmin (D)	17	/	27	62	<b>0,17</b>
Glória (C)	44	/	75	58	<b>0,09</b>
Augusto (F)	27	/	32	84	<b>0,07</b>
<b>TOTAL</b>	<b>478</b>	<b>/</b>	<b>599</b>	<b>79</b>	

Uma análise adequada dessa variável deve ser feita através de informações sobre cada uma das crianças e suas relações com eventos de letramento, bem como informações sobre as condições socioeconômicas da família. Os índices mostram que o espectro de favorecimento da marca é gradualmente decrescente nas crianças Kelly, Evandro, Márcio e Andressa. Depois, Betina desfavorece pouco a presença da marca, e a seguir, Breno, Jasmin, Glória e Augusto desfavorecem fortemente a presença da

desinência. Desconsiderando Betina, temos a divisão em dois grupos atuando polarizadamente em relação à variável.

As informações qualitativas de que disponho<sup>11</sup> encaminham minha análise no sentido de que são dois grupos que efetivamente se diferenciam, relativamente ao aspecto socioeconômico<sup>12</sup> e à experiência letrada da família. No primeiro grupo, as quatro crianças têm pai e mãe com profissões relativamente estabelecidas: Kelly tem mãe doméstica e pai vendedor; Evandro tem mãe “motoboy” e pai serralheiro; Márcio tem mãe doméstica e pai frentista; Andressa tem mãe funcionária de serviços gerais da creche e pai mecânico. Tenho anotações de diário de campo sobre Márcio: “*Eu perguntei se alguém lê para ele, e a resposta foi de que não, mas que ele tem uma pilha de livros em casa*” (Diário de Campo de 07/12/2009). Evandro relatou que a irmã lê para ele.

No segundo grupo, as fichas de Breno e Glória não estavam preenchidas quanto à profissão dos pais, mas Breno relatou que o pai trabalha cuidando de cavalos e uma das educadoras disse que a mãe de Breno trabalha com limpeza. Jasmin vive com a mãe e a avó, que são recicladoras (e são analfabetas); o pai de Augusto também é reciclador.

Ainda é preciso aprofundar as informações sobre as crianças, mas ao que parece, a variável mostra que a inserção socioeconômica da criança na comunidade e também sua experiência com eventos de letramento podem estar refletidos na sua fala através da produção de concordância variável.

A variável pesquisador queria medir se a pessoa do pesquisador teria influência na produção oral das crianças durante as interações de geração de dados.

Na verdade, o fato de a variável ter sido selecionada como estatisticamente relevante surpreende. Tivemos o cuidado de criar roteiros e treinar as bolsistas de modo a uniformizar o tanto quanto possível o modo de conduzir as brincadeiras. A Tabela 9 abaixo mostra os resultados.

Tabela 9 – Relação entre a aplicação da desinência e a variável pesquisador

	Ocorrências	/	Total	%	Peso Relativo
Eduarda (3)	130	/	180	72	<b>0,65</b>
Laura (5)	128	/	140	91	<b>0,62</b>
Silvana (6)	170	/	202	84	<b>0,36</b>
Queila (4)	49	/	74	66	<b>0,33</b>
Ilana (2)	1	/	3	33	<b>0,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>478</b>	<b>/</b>	<b>599</b>	<b>79</b>	

Os índices apontam que com duas pesquisadoras (as de número 3 e 5) as crianças tendem a manter a desinência de plural, ao passo que com as outras três (de números 6, 4 e 2), ao contrário, tendem a não produzir a marca.

No meu entender, é provável que esta variável esteja atuando de forma cruzada com tema da interação e com informante. Como discuti antes, a produção de terceira

<sup>11</sup> Para a finalização da tese tais informações serão complementadas pela dissertação de Bibiana da Silva.

<sup>12</sup> A heterogeneidade que existe na comunidade, discutida anteriormente.

pessoa do plural varia com a interação. Por outro lado, como visto nos resultados da variável participante, os índices são quase polarizados, com crianças que tendem a marcar a desinência e outros que a evitam fortemente. Assim sendo, o pesquisador que tiver trabalhado mais com crianças que tendem a manter a marca, em interações de maior produção de ocorrências de formas de terceira pessoa do plural, estará associado a índices mais altos de marcação da desinência, ao contrário das situações em que a criança tende a marcar menos, em interações de baixa produção da forma verbal alvo. Cruzamentos desse tipo serão realizados na sequência da pesquisa.

## CONCLUSÃO

A pesquisa aqui desenvolvida investigou a concordância verbal variável de terceira pessoa do plural na produção oral de nove crianças, cinco meninas e quatro meninos, de cinco anos de idade, de uma comunidade carente localizada na Zona Leste de Porto Alegre.

A amostra utilizada é um recorte de uma amostra maior que está sendo produzida nessa comunidade especificamente para promover pesquisas sobre concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural e nominal de número. A finalização do trabalho de tese será realizada sobre o total dos dados das trinta crianças pesquisadas, estratificadas por gênero (quinze meninos e quinze meninas) e três faixas etárias (dez crianças de três anos, dez de quatro e dez de cinco – as que foram analisadas no presente estudo).

Nas rodadas gerais, os resultados encontrados se aproximaram bastante daqueles do estudo anterior (SOARES, 2006), sendo 79% de presença da desinência e 21% de ausência. Tais resultados me levaram a pensar que talvez a concordância de terceira pessoa do plural seja menos saliente, e, portanto, menos estigmatizada (que, por exemplo, a de primeira pessoa do plural), não servindo de índice de estratificação social. Ou, ainda, que as experiências letradas oferecidas pela instituição como tal sejam suficientes para o domínio da regra variável de concordância de terceira pessoa do plural pelas crianças.

Das hipóteses testadas, aquela sobre a posição do sujeito, não foi plenamente corroborada, já que os resultados mostraram que sujeito anteposto, mas com material interveniente entre ele e o verbo, desfavorece a aplicação da DNP.

A atuação da variável saliência fônica reforçou a hipótese de que uma distinção fônica maior, em que o contraste entre a forma alvo e a forma não marcada está na desinência e também no acento, favorece a marcação da desinência.

A hipótese sobre o tipo de sujeito, que propõe o sujeito nulo como favorecedor da aplicação da marca e o SN pleno como desfavorecedor também foi corroborada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luis Isaiás Centeno do. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.



- \_\_\_\_\_; BORGES, Paulo. *Análise estatística e formação de bancos de dados sociolinguísticos*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009.
- BARDEN, Liege Therezinha Voght *A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural*. 2004. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, RS.
- BATISTA, Hires Heglan R. B. e ZILLES, Ana Maria Sthal. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados de Porto Alegre: um Estudo de Painel*. XVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.
- LEMLE, Miriam e NARO, Antony. *Competências Básicas do Português*. Rio de Janeiro, MOBRAL, 1977.
- LOREGIAN, Loremir (1996). *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC.
- MONGUILHOTT, Isabel e COELHO, Izete. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis: In: Vandresen, Paulino. (org.) *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT. p.189-216.
- NARO, Antony. The social and the structural dimensions of a syntactic change. *Language*, vol.57, n.1, p.63-98, 1981.
- RODRIGUES, Ângela. Língua e contexto sociolinguístico: concordância verbal no português popular em São Paulo. *Publicação do curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa*. Araraquara, UNESP – Campus de Araraquara, n.2, p.153-171, 1992.
- SILVA, Bibiana Cardoso da. *As orientações de letramento na comunidade e na escola*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, mimeo, 2011.
- SIMÕES, Luciene Juliano. Concordância nominal de número e a aquisição de regras variáveis. *Cadernos de Pesquisa em Lingüística*. Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 39-42, 2005.
- SOARES, Simone Mendonça. *A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre*. 2006. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de crianças pequenas de Porto Alegre*. 2011. Qualificação de Doutorado – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.